

33 se revelara o sábio e o professor que era.

UMA PERSONALIDADE COMPLETA

Cá de baixo e a distância, como se observam os remígios da agulha, vimos o pesquisador, o edificador da ciência. Mas esta não basta fazê-la, preciso é também propagá-la, ensiná-la, para que se não apague a lâmpada sagrada, que a na-de transmitir, cada vez mais luminosa, de geração em geração. Não indispensável é o professor, quanto o investigador. Sem o professor, o investigador restringe-se, limita-se, acanha-se; é quase a lâmpada debaixo do alqueire, que dá luz, mas pouco alumia. Inversamente, o professor sem o investigador, pouco teria que ensinar e reduzir-se-ia a simples repetidor de fórmulas consagradas. Pesquisar e ensinar, construir a ciência e difundir-lá são, pois, duas atividades que se completam, mas raramente se reúnem harmonicamente no mesmo indivíduo. É que, senhores, cada uma delas exige qualidades diferentes, senão até certo ponto contraditórias. Uma é essencialmente a análise, a outra é principalmente a síntese; uma tem por objeto a natureza, cujos mistérios desvendam, tem a outra por finalidade o homem, cujas faculdades desenvolve; uma é obra pessoal, quando muito, de grupo, a outra é tarefa em que o próprio trabalho pessoal do investigador se dissimula e desaparece no imponente monumento arquitetônico da ciência, que se apresenta. Comum é, por isto, encontrar um grande pesquisador na pessoa de um mediocre professor; ou um grande professor em quem nunca foi capaz de verdadeira investigação, ou nunca a pode tentar. Raro, sim, raríssimo é encontrar harmonicamente consorciadas estas duas faces da atividade científica.

Vós, porém, professor Houssay, constituís uma destas exceções felizes, pois uma destas personalidades harmônicas e completas. Se, como investigador, nos surgis como um dos maiores fisiólogos da atualidade, como professor avultais entre os maiores do ensino universitário. Longe de contrariar-se, corroboraram-se e mutuamente se desenvolveram as duas atividades, porque suficientemente robusto e amplo era o vosso espírito, para acolhé-las ambas. Eu já não sei dizer o que será maior em vós, se o investigador, se o professor.

O GRANDE PROFESSOR

Para vós, tendes sido, na cátedra, ou fora dela, essencialmente um professor; professor, ensinando, e professor investigando; professor, na aula, e professor fora dela; professor entrando na universidade, e ainda maior professor dela saindo; em suma, professor e sempre professor.

Tendes, em verdade, todos os raros predicados que fazem o grande e verdadeiro professor. Sois dos que sabem e sentem que, ainda nos cursos superiores, ensinar é educar. Sois dos que ensinam, não só pela palavra, senão também pelo exemplo. E, porque sois verdadeiro professor, não corteis a fácil popularidade, tão do agrado dos professores brilhantes, mas vazios; não procurais a indulgência dos alunos, com que os professores inéptos ou desidiosos pretendem desmentar as próprias faltas; buscais, somente, o reconhecimento que pode trazer, mas nunca falta aos professores dignos deste nome.

A vossa capacidade docente, professor Houssay, podemos aferi-la à distância os que não tivemos a ventura de ouvir-vos as lições, lendo o vosso Tratado de Fisiologia, que, publicado há poucos anos, já se pode considerar obra clássica. Ali temos compendiada da maneira clara e sempre em dia, com a síntese que não exclui a profundidade, esta nossa maravilhosa ciência fisiológica, que tanto poder tem para nos elevar o espírito, do estudo da criatura à consideração do Criador. Em vosso livro temos apenas uma face da vossa complexa personalidade de professor, mas por esta faceta dificultoso não seria reconstituir o cristal, se outros elementos faltassem.

A ESCOLA DE HOUSSAY

Mas a demonstração cabal da estatura do professor, temo-la na escola que fundastes e representa, hoje, um dos padrões de glória da cultura Argentina. Grandes e geniais pesquisadores tem havido, que podem ter deixado doutrina, mas não deixaram escola. Investigadores solitários, temo tido auxiliares, mas não verdadeiros colaboradores. Por que? Por lhes faltar a vocação do magistério. Por não sabermos educar, não pudermos deixar prole no terreno da ciência.

Vós, não, professor Houssay. Vós ensinai sempre, vós educais sempre. E, por isto, não me arreceei de afirmar que se grande, desmesuradamente grande é o investigador, tão grande que já não há quase distinção que lhe não tenha sido conferida, maior ainda me parece o professor.

O QUE É SER PROFESSOR

Será possível isto? Transmitir conhecimentos não será muito mais fácil que criá-los? Sim, senhores. É exato. Mas — redarguireis então — se uma tarefa vale tanto mais que a outra e esta se avantajou tanto o nosso recipiendário, como poderá ser, nele, maior o professor que o investigador? Não estaremos invertendo a escala dos valores?

Explico-me, senhores. Fazer ciência é uma coisa; transmiti-la outra é; e ser professor pode ser uma e outra coisa, pode ser fazer ciência e transmiti-la, mas é mais, muito mais para os verdadeiros professores.

Queréis conhecer a diferença? Pois bem: quem vo-la vai apontar, quem vo-lo vai ensinar, quem vo-lo vai demonstrar é o próprio professor Houssay, aqui presente.

Travada já, havia alguns anos, a tremenda guerra mundial, já terminada, mas não verdadeiramente extinta. Era a guerra entre a democracia e a ditadura, entre a liberdade e a servidão, entre a civilização e a barbárie. A lepra totalitária contaminara também o livre continente americano, mas longe das nossas praias estava a guerra que visava combatê-la. Nada impedia que o pesquisador Houssay continuasse a fazer as suas experiências, nada tolhia que o professor Houssay fosse apenas um investigador e um preletor. Não o perturbaria no seu recanto o regime recém-instaurado no seu país, se a isto se limitasse, se nada mais fizesse que perquirir o organismo humano e repetir as suas lições. A autocracia tolera a ciência, enquanto ela não

sai dos seus laboratórios e dos seus gabinetes e se abstem de trazer aos homens a sua mensagem de libertação. Mas Houssay, senhores, era mais que investigador preletor, era um professor, isto é, plasmador de consciências, forjador de caracteres, educador de cidadãos, em suma, formador de homens. E porque assim era, porque era um professor na acepção integral do termo, porque se sentia com deveres para com os seus alunos, os seus concidadãos e todos os seus semelhantes, praticou uma temeridade, como se fôra a mais natural coisa ceste mundo. Assinou, com outros intelectuais argentinos, um manifesto, em que se exprimiam anseios por uma democracia efetiva, ausente no seu e também, na época, em nosso país, e se faziam votos pela integridade da solidariedade americana, comprometida pelas indifereçáveis simpatias do governo às nações fascistas. Começou ali uma odisséia, que não parece haver terminado.

BENDITAS VIOLÊNCIAS

Benditas as violências dos governos que tais revelações nos fazem. Era grande Houssay na sua cátedra e grande era no seu laboratório, mas a perseguição que lhe moveram agigantou-o. Revelou-se-nos então, o professor em toda a sua plenitude; pudemos ver que, por trás do preletor, havia o homem e o cidadão. Tudo isto supõe o professor, indispensável e o saber a quem ensina; mas se ensinar verdadeiramente e educar, não basta o saber. Preciso é ter na ciência por suporte o homem e o cidadão; o cidadão, amante da sua pátria; o homem, consciente de seus deveres para com a humanidade.

A ÚLTIMA LIÇÃO

Dizia eu, senhores, que Houssay fôra expulso da sua cátedra, por haver sabido ser professor, acima de tudo. Corbe-lhe daí, então, a última lição a seus alunos. Quem poderá exprimir a melancolia da última lição, a lição de despedida? É uma como morte, por ser a separação de quase tudo quanto constituiu a própria trama de uma existência.

Melancólica, porém, não foi esta que os senhores do dia supunham seria a última lição. Melancólica não foi senão heróica. Não era a lição do que se retira para repousar, senão a do que se retira para continuar combatendo. Conpeido pela violência, Houssay deixava a cátedra, mas não deixava o ensino. Pelo contrário, naquele momento é que o professor, até então curvado sobre a mesa de trabalho, se erguia em toda a sua estatura de gigante. Naquele dia — escrevi eu então — dava Houssay a maior e a melhor das suas lições, a lição que poucos professores têm tido a fortuna de proferir, e poucos teriam a capacidade de dar.

VENCEDOR, E NÃO VENCIDO

Que Houssay, sendo obrigado a retirar-se, não fôra vencido, veio a reconhecer-lo e proclamá-lo o próprio poder que o proscivera. Pouco mais de ano decorrerá do seu afastamento, quando o governo sentiu a necessidade de o reintegrar. Percebera ele que não se anula um homem daquele porte, como se despede um lacaio, que só dos favores oficiais vive e pode viver. Um servo, por mais agalaoado, despede-se e substitui-se facilmente; mas o vácuo deixado por Houssay era incômodo, fazia mal e não se podia preencher. Daí o decreto de 10 de fevereiro de 1945, que, tornando sem efeito o decreto de 28 de outubro de 1943, permitiu o regresso dos professores às suas cátedras.

REPARAÇÃO E NÃO PERDÃO

Não o aceitou, porém, Houssay. Não o aceitou, apesar de instado pelo interventor da Universidade de Buenos Aires. Não o aceitou, por não ser uma reparação a que oferecia o governo, senão somente um ato de clemência. A reparação implicava o reconhecimento do erro praticado e todo o possível ressarcimento das suas consequências. Isto não era o que se propunha. O rebelde, o criminoso voltava perdoado, simplesmente perdoado. Para que houvesse reparação e não perdão, seria necessário, como sinal tangível dela, que o professor, ilegal e violentamente afastado do cargo, fôsse indenizado dos vencimentos que perdera.

UM DOCUMENTO DE DIGNIDADE

Recusou, pois, Houssay a reintegração. Di-lo e justificou-o ele mesmo, na atívia resposta dada ao interventor da Universidade. «Minha aceitação em tais condições, implicaria admitir que, ao exprimir os meus anseios de democracia efetiva e solidariedade americana, tenha eu cometido falta ou delito susceptível de sanção, e importaria também reconhecer que um professor universitário pode ser dispensado por exercer os direitos de cidadão consagrados pela Constituição, ao exprimir livremente as suas opiniões, na convicção de estar cumprindo o seu dever para com a pátria.

Se o governo entende guardar o acatamento devido à Universidade e a seus professores, é necessário que tal resultado, de forma clara e cabal, de uma decisão expressa do mesmo governo.

«O respeito da autonomia universitária, que se deseja ver restabelecido, e a alta dignidade do cargo de professor impedem-me voltar à cátedra, enquanto não haja reparação completa da sanção que me foi imposta».

Assim falava, senhores, o professor: contrariando os seus interesses pessoais, condenando-se a continuar suas pesquisas em condições de modestia extrema, mas preservando, acima de tudo, a dignidade do magistério.

MAIOR O PROFESSOR QUE O INVESTIGADOR

Por isto disse eu, ser, aqui, o professor maior que o investigador. Poderia o investigador contentar-se com o que o deixassem investigar; e o simples preletor também se poderia contentar com o que deixassem fazer as suas preleções. Mas o professor, esse, não. Para ser, ou poder continuar a ser professor, haveria de preservar, acima de tudo, a dignidade da sua missão. Como criminoso indultado é que não poderia apresentar-se a seus alunos e sentar-se na cátedra.

Que este, e não outro, era o intuito que movia Houssay na sua soberba resistência ao alçamento do poder, demonstram-no todos os seus atos. So voveria a cátedra mediante reparação completa. Por que? Por coarçar: Coarçar em quem desprezara os ricos proventos da clínica, que certamente seria chamada, para se dedicar exclusivamente a pesquisa e ao magistério, que podem dar renome, celeridade, mas não satisfazem as mais modestas ambições materiais? Não, senhores, o que Houssay queria era simplesmente a reparação da sua dignidade ofendida. Os vencimentos atrasados que exigia, em sinal de equívoco da reparação, não os fruiria ele, porque os destinava a inidades altruísticas, se os recebesse.

O MESTRE E OS DISCÍPULOS

Nesta luta, ao parecer desigual, entre um homem e o Estado, o Estado que alguns pensadores consideram um monstro, e num monstro certamente se torna quando se desvia de suas legítimas finalidades, nesta luta ao parecer desigual, teve Houssay inestimáveis auxílios.

Teve, primeiramente, a solidariedade total e completa dos seus colaboradores. Não lhes faltariam a eles pretextos, senão motivos para continuar. Se o Mestre saía, não convinha ao interesse geral do ensino que o substituísssem os discípulos? Grande falta faria ele; mas ainda maior falta, e totalmente irreparável, se o acompanhasssem os homens que ele formara. Como védes, senhores, motivos não faltariam para que se eles deixassem ficar. Mas assim não procederam. Acompanharam o Mestre na má fortuna, como o haviam acompanhado na boa. E não sei eu qual o maior mérito: se de quem fez o sacrifício, acompanhando; se de quem recebeu o sacrifício, acompanhando-se. Mas, não. Vejo-o agora. Não é o mérito do

Mestre. Perdoem-me eles, não os quero apreciar; mas eles mesmos são os primeiros a convirnisito, eles são os que, mais que todos, se nomram de tal Mestre.

UMA ORDEM DE CAVALEIROS

Em verdade, professor Houssay, vos fizeste uma escola. E que escola. Porque a escola que vós instituístes não é apenas uma técnica, um método, um corpo de doutrinas. É tudo isto muito mais que isto. É uma manunção, uma comitria, uma ordem de cavaleiros da ciência, reunidos pelo mesmo leal.

Por isto, varreu-nos da cátedra a tormenta, professor Houssay, mas não pode dispensar-vos os discípulos. Acompanham-vos sem hesitação, nesse deserto dentro da própria pátria. Se muito de louvar são tais discípulos, muito e muito de louvar e tal mestre.

A SOLIDARIEDADE DA CIÊNCIA

Tristes, pois, naquele transe, o contorço, inusituado para um Mestre, da soubriaçade dos vossos discípulos. Mas esta solidariedade tinha um espinho que vos pungia acerbamente: atlastáveis na vossa proscritção e condenáveis a mesma pena, reis e dedicados amigos.

Foi quando vos socorreu o auxílio estranho. Estranho, somente, por vir de fora, e não da Universidade, e muito longe de estranho, por provir na grande, da imensa pátria comum, que é a ciência. E assim, foi que criastes o instituto de Biologia Médica e Experimental, onde, com mais modestos meios, mas não menos titentemente que no Instituto de Fisiologia da Universidade, podestes prosseguir pesquisando, juntamente com os vossos dedicados colaboradores.

REGRESSO TRANSITÓRIO

Mas, se, na ocasião já referida, recusaste voltar à cátedra de Fisiologia, e a direção do respectivo instituto, peimta-vos, depois, o regresso a cessação da intervenção na Universidade e a anulação, pelo novo reitor, dos seus atos. Metomaste a vossa função didática na amada Universidade, onde haveis passado sem transição, de aluno a professor. Enganava-se, porém, o Poder, imaginando que, ao readmitir-vos, vos poderia aorandar a tempera. O professor cumpria religiosamente os deveres do cargo na Universidade; mas fora dela o cidadão também não descurava os seus. E isto não agradava, não poderia agradar, sabíeis que não agradaria, professor Houssay. Mas também sabíeis que, demitindo-vos de cidadão, vos estardes também demitindo da dignidade de professor. Não tardou a represália dos poderes de um dia, sim, de um dia, por mais longo que possa parecer este dia. Não convindo reinclir no escândalo da vossa demissão sumária, resolveram baixar a um limite a idade para a aposentadoria dos professores.

Passariam a ser postos em repouso e seriam afastados da atividade docente como homens esgotados e inúteis, justamente na época da sua plena maturidade e quando mais fecunda seria a sua experiência.

Que importava que assim se prejudicasse mais uma vez o ensino e se fôsssem collier no castigo professores que nada tinham com a questão? O essencial era alistar-vos, para que não pudéssem contagiar a mocidade... E assim vos aposentaram aos 39 anos e vos agradeceram com uma aposentadoria excepcional: aposentadoria sem vencimentos. Assim perdem o sentido as palavras, nos regimes de arbitrio.

A GRANDEZA DO CIDADÃO

Como investigador e professor, professor Houssay, vimos já a que altitude chegastes. Mas não seríeis o grande professor que tendes sido, se não fôreis o grande cidadão que sois. Implícito se acha, no conceito de professor, o atributo de cidadão. Foi o cidadão que havia no professor, e, latente eu já manifesto, não podia deixar de haver nele, quem tão alta o elevou, assinando o célebre manifesto em que, a uma ditadura, se pedia democracia efetiva e a um exarcebado nacionalismo, se requeria solidariedade americana, tão grande era, pois, o cidadão, quanto o professor. Digo mais: grande era o professor, porque grande era também o cidadão. A grandeza de um não poderia assentar, senão na grandeza do outro. Pela mesma escala se haviam de medir ambos.

Se bem já nos tenha o professor revelado o cidadão, convirá determo-nos alguns momentos na consideração da sua grandeza. Há muitos e excelentes cidadãos, mas os há de vário tamanho. Há os que não vão além da sua aldeia e nada vêm fóra dela. São todos extremos por ela, mas pouco fazem além das suas lindes. Há os que abrangem com os seus desvelos um país inteiro. E há finalmente os que, plenamente conscientes da unidade da espécie humana e da crescente solidariedade dos povos, abrigam a humanidade toda em seu coração. São estes os grandes espíritos, entre os quais se contam sábios e filósofos, políticos e filantropos, que com razão se denominam cidadãos do mundo.

O CIDADÃO HAUSSAY

Pois bem, professor Houssay, vós sois um grande cidadão Argentino; muito fizestes pelo bem-estar, pela grandeza, pelo prestígio da vossa pátria. Sendo fisiólogo e nada mais querendo ser que fisiólogo, e tendo, por isto, renunciado aos proventos que outras ocupações mais rendosas poderiam dar-vos, não vos encerrastes, todavia, no vosso laboratório, surdo e cego às necessidades coletivas. Com fazer e ensinar Fisiologia, como fazíeis e ensináveis, teria qualquer outro com que encher uma grande vida; vós, não. Nunca recusastes o vosso concurso, à satisfação das necessidades coletivas, quer dando à clínica, a colaboração da técnica e dos conhecimentos fisiológicos, quer prestando aos higienistas e às autoridades sanitárias a vossa ajuda desinteressada. Fazíeis ciência pura — que é a mais alta expressão da ciência — mas não vos contentáveis com o alto prazer estético que ela prodiga, porque desejáveis torná-la útil aos vossos compatriotas. Grande cidadão éreis, pois, no remanso do laboratório e no amável convívio da cátedra, investigando, ensinando e aplicando; mas grande e excepcional cidadão do vosso país vos revelastes, quando, arriscando-vos, como vos arriscastes, para ele reclamáveis efetiva democracia.

Ser grande cidadão da grande nação argentina já muito seria, se não fôsses, também, mais do que isto, um cidadão do mundo. Sim, cidadão do mundo, não só porque muito fizestes pela ciência, que é universal e não conhece fronteiras, senão também porque sois daqueles privilegiados espíritos que almejam ver apagados, na superfície da terra, os ódios, as dissensões, as discriminações, que a maldade e a estupidez, de mãos dadas, pretendem perpetuar.

A SIGNIFICACAO DA CERIMONIA

Agora sei, senhores, agora compreendo que, se pouco, mui pouco, podemos acrescentar à glória do sábio com o título que hoje conferimos, em compensação, muito podemos dar ao cidadão, a grande cidadão perseguido, o testemunho e o conforto da nossa fraternidade. Recebei-os, professor Houssay, como o melhor que, de nós, vos podemos dar.

Aqui estais entre amigos, entre companheiros, entre irmãos, que sentem convosco as mesmas dores e convosco rejubilam com as mesmas alegrias.

Recebei, pois, o título de professor da nossa Universidade, não tanto como uma honra, que cumulada pareces ter a medida das onras académicas, senão simplesmente com o único tributo que podemos dar ao sábio, ao professor ao cidadão insigne.

CAUTELAS

COMPRAM-SE de jóias e mercadorias. Faz-se uclma da avaliação. Av. Passos, 46, 1.º, sala 2-A. Tel.: 43-9813. J. Rodrigues, Atend-se a domicilio.

CASA BANCARIA LIBERAL

R. Luiz de Camões, 60 CALÇADOS E DEPOSITO